

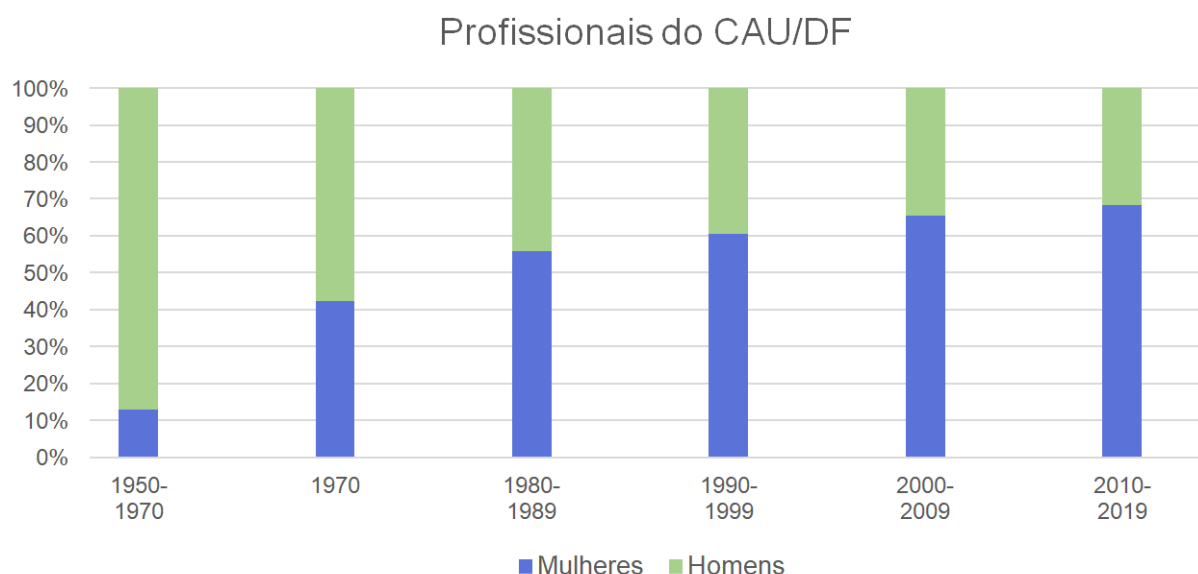
MEMÓRIAS DELAS

Em 21 de abril de 1960 Brasília, a terceira capital do Brasil, foi inaugurada oficialmente.

Este ano a comemoração dos 60 anos ficou suspensa como a vida. Aproveitando o isolamento, a Comissão Temporária de Equidade de Gênero do CAU-DF repensou o projeto **Memória Delas**, agora em versão digital.

Sabemos que a história da construção já foi contada e cantada diversas vezes, porém nos propusemos a reler a história sob o ponto de vista das mulheres que construíram e que seguem construindo a capital.

Para entender a participação das mulheres arquitetas na construção da capital, começamos pelos registros profissionais, observamos que ao longo das décadas a participação numérica das mulheres foi crescendo acompanhando o acesso das mulheres ao ensino superior e ao mercado de trabalho. A equiparação numérica acontece já na década de 1980, porém no imaginário da cidade, ELAS raramente são lembradas.



Revisando os documentos da instituição, encontramos o primeiro registro feminino que pertence à arquiteta Alda Rabello Cunha formada na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA) no Rio de Janeiro. Conhecida pela sua atuação profissional, mas bastante lembrada por ser a esposa de Lelé, João da Gama Filgueiras Lima.

Suely Franco Netto Gonzales é outro nome das que aqui chegaram logo no início, é uma importante referência na pesquisa do planejamento urbano. Como professora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em 1977, Suely foi chefe do Departamento de Urbanismo.

O processo histórico é um importante aliado no entendimento do papel e da participação da mulher na profissão e na construção da cidade. Por isso a importância do apoio do CAU/DF e da criação Comissão Temporária de Equidade de Gênero que busca promover o debate. Alda e Suely, são alguns dos nomes das pioneiras no exercício da arquitetura e urbanismo na Capital, que fazem parte das pesquisas realizadas pelo **Observatório Amar.é.linha** da FAU/UnB, especialmente da pesquisa de dissertação Mestrado de Luiza Rego Coelho Dias sobre a visibilidade das arquitetas de Brasília.

Hoje, 60 anos depois, as mulheres representam aproximadamente 63% dos registros profissionais ativos, são elas também que mais produzem RRTs. Ao longo do tempo a profissão foi se transformando e as mulheres foram ocupando os espaços, no entanto o crescimento numérico ainda não impacta proporcionalmente o destaque profissional, os cargos de comando e a equidade salarial, principalmente, no início da carreira.

O **Observatório Amar.é.linha** e a Comissão Temporária de Equidade de Gênero do CAU/DF está organizando a versão digital da mesa **Memória Delas**, e muito em breve iremos trazer mais informações sobre as convidadas. Esperamos contar com todas e todos nesse caminho por parte da história da nossa profissão e cidade pouco conhecidos e na construção de uma profissão mais equânime.